



Educação

ISSN: 0101-465X

reveduc@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul
Brasil

Santin, Rafael Henrique; Oliveira, Terezinha
A relação entre amor e educação na Suma teológica de Tomás de Aquino
Educação, vol. 39, núm. 2, mayo-agosto, 2016, pp. 157-165
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=84847029004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A relação entre amor e educação na *Suma teológica* de Tomás de Aquino

The relationship between love and theological education in Summa theologiae of Thomas Aquinas

La relación entre el amor y la educación en la Summa theologiae de Tomás de Aquino

RAFAEL HENRIQUE SANTIN*

TEREZINHA OLIVEIRA**



RESUMO

Neste artigo, aborda-se a relação entre amor e educação na *Suma teológica* de Tomás de Aquino, a fim de destacar a importância do amor como princípio para a formação humana. O teólogo dominicano analisa as características do amor na primeira seção da segunda parte da *Suma* e evidencia sua importância para o homem e para a sociedade. Sendo uma das paixões da alma que nos torna capazes de agir, o amor está, na perspectiva tomasiana, intimamente relacionado ao conhecimento e ao pensamento reflexivo, pois a razão é o elemento pelo qual se pode estabelecer o bem comum como princípio essencial das ações. Para a fundamentação teórica e metodológica, buscou-se elucidar os pressupostos da História Social para que se pudesse analisar o objetivo numa perspectiva de totalidade, já que o amor, ainda que um sentimento singular, está potencialmente em todas as pessoas.

Palavras-chave: Educação. Amor. Tomás de Aquino. *Suma teológica*.

ABSTRACT

This paper discusses the relationship between love and education in the *Summa theologiae* of Thomas Aquinas, in order to highlight the importance of love as a principle for human development. The Dominican theologian analyzes the characteristics of love in the first section of the second part of the *Summa* and highlights its importance for man and society. Love, being one of the passions of the soul that makes us able to act, is in thomsonian perspective, closely related to knowledge and reflective thinking, for reason is the element by which we can establish the common good as an essential principle of our actions. We seek, as a theoretical and methodological basis, the assumptions of social history so that we could analyze the objective in a perspective of totality, since love albeit a singular feeling is in potentially all people.

Keywords: Education. Love. Thomas Aquinas. *Summa theologiae*.

RESUMEN

En este trabajo se analiza la relación entre el amor y la educación en la *Summa theologiae* de Tomás de Aquino, con el fin de poner de relieve la importancia del amor como principio para el desarrollo humano. El teólogo dominicano analiza las características del amor en la primera sección de la segunda parte de la *Summa* y destaca su importancia para el hombre y la sociedad. El amor, por ser una de las pasiones del alma que nos hace capaces de actuar, está en tomasiana perspectiva, estrechamente relacionado con el conocimiento y la reflexión, de la razón es el elemento por el cual podemos establecer el bien común como un principio esencial de nuestras acciones. Para fundamentarnos en teórica y metodológicamente, buscamos los supuestos de la Historia Social de modo que pudiéramos analizar la perspectiva objetiva de la totalidad, ya que el amor, incluso si un sentimiento natural, está potencialmente en todas las personas.

Palabras clave: Educación. Amor. Tomás de Aquino. *Summa theologiae*.

*Mestre em Educação e Doutorando em Educação da Universidade Estadual de Maringá. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Professor EBT do Instituto Federal do Paraná - Campus Palmas. Email: <rafael.h.santin@gmail.com>.

**Pós-doutora em Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo. Professora do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. Bolsista de Produtividade em Pesquisa 1D – CA ED. Email: <teleoliv@gmail.com>.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo trata da relação entre amor e educação na *Suma teológica* de Tomás de Aquino. Desse modo, o objetivo é apresentar o conceito de amor presente na primeira seção da segunda parte da *Suma teológica* e a intrínseca relação entre ele, o conhecimento e a educação. Com efeito, o amor é tratado pelo teólogo dominicano como paixão da alma, isto é, como um dos princípios da ação humana. Nesse sentido, acredita-se que a educação seja um processo importante para o desenvolvimento do amor como paixão da alma.

Para o aprofundamento das reflexões, recorre-se aos pressupostos da História Social, principalmente aqueles estabelecidos por Marc Bloch (2001). O historiador do século XX afirmou que é preciso compreender a história ao invés de julgá-la. Além disso, postulou que o historiador deve observar seu objeto numa perspectiva de totalidade e que seu trabalho consiste em entender o passado, preocupando-se com os problemas do presente. Assim, o pesquisador que pretende estudar o passado deve fazê-lo para pensar sobre a natureza do homem e das relações sociais para que, dessa forma, possa refletir sobre as respostas que busca a respeito do seu tempo presente.

Acredita-se que as obras de Tomás de Aquino, consideradas a partir da sociedade em que ele viveu e produziu, podem ser fontes importantes para a reflexão acerca dos homens e das relações que estabelecem entre si.

A PAIXÃO DO AMOR E A EDUCAÇÃO NA *SUMA TEOLÓGICA*

A educação é um fenômeno complexo, multifacetado e, por isso, é objeto de reflexões e pesquisas de muitos intelectuais das mais diversas linhas e abordagens. Isso acontece porque o processo educativo faz parte da experiência dos homens, de modo que é preciso observá-lo na perspectiva da totalidade. Assim, pretende-se discorrer, neste artigo, sobre a educação a partir da História da Educação, evidenciando as contribuições de Tomás de Aquino, teólogo dominicano do século XIII.

Evidentemente, não se pretende analisar toda a educação, mas um dos seus princípios: o amor. Não se trata, porém, do amor segundo as ideias correntes que se tem sobre ele atualmente, como o sentimento que une duas pessoas enamoradas ou que têm laços sanguíneos – pais e filhos, por exemplo. Procurou-se demonstrar, aqui, a concepção tomasiana de amor e a relação entre essa paixão da alma com a educação. Particularmente, as relações entre o homem e seus objetos de conhecimento representam algo que nos preocupa.

Conhecer as coisas e desenvolver a inteligência depende do apreço – ou desprezo – pelo que se coloca como objeto e objetivos da educação. O amor, de acordo com o teólogo, é o pressuposto do qual depende o processo educativo.

Tomás de Aquino (1225-1275), um dos principais representantes da Escolástica, destacou-se como mestre na Universidade de Paris, uma das mais renomadas do Ocidente Medieval. O cenário que marca a sua obra é caracterizado pelo desenvolvimento citadino, pelo surgimento da Universidade e das Ordens Mendicantes (OLIVEIRA, 2005).

A *Suma teológica*, nossa fonte primordial, foi produzida para os alunos do curso de Teologia da Universidade de Paris. O propósito da obra foi reunir, de maneira sistemática e de um modo que os alunos pudessem compreender, tudo o que se deveria saber para se desenvolver como teólogo.

Para os limites deste artigo, foram analisadas as questões da primeira seção da segunda parte¹ da *Suma teológica*, que tratam especificamente das paixões da alma e do amor. Fazem parte de um tratado sobre as paixões que compreende 27 questões (22 a 48). As primeiras quatro (22 a 25) tratam das características gerais das paixões. As seguintes (26 a 48) tratam das peculiaridades de cada uma das 11 paixões. As que são destacadas aqui são as de número 26, 27 e 28.

A questão 26, intitulada *O amor*, é dividida em quatro artigos: 1) *O amor está no concupiscível?*; 2) *O amor é paixão?*; 3) *O amor é o mesmo que dileção?*; 4) *O amor se divide convenientemente em amor de amizade e amor de concupiscência?* Nesta primeira questão, o autor trata das peculiares fundamentais do amor.

Já a questão 27 tem como título *A causa do amor* e, assim como a anterior, é desenvolvida em quatro artigos: 1) *O bem é a causa única do amor?*; 2) *O conhecimento é causa do amor?*; 3) *A semelhança é causa do amor?*; 4) *Alguma outra paixão da alma é causa do amor?* Nessa questão, Tomás de Aquino trata do que pode ser amado pelo homem, isto é, as coisas que causam o amor.

Por fim, a questão 28 trata d'*Os efeitos do amor*. Esta é um pouco mais extensa que as anteriores, dividindo-se em seis artigos: 1) *A união é efeito do amor?*; 2) *A mútua inerência é efeito do amor?*; 3) *O êxtase é efeito do amor?*; 4) *O ciúme é efeito do amor?*; 5) *O amor é*

¹ A *Suma teológica* está dividida em três partes, sendo que a segunda parte está dividida em duas seções. Assim, são analisadas três questões que estão presentes na primeira seção da segunda parte. As referências nas citações são feitas da seguinte forma: (TOMÁS DE AQUINO, *ST*, I, q. 1, a. 1) para a primeira parte; (TOMÁS DE AQUINO, *ST*, I-II, q. 1, a. 1) para a primeira seção da segunda parte; (TOMÁS DE AQUINO, *ST*, II-II, q. 1, a. 1) para a segunda seção da segunda parte; (TOMÁS DE AQUINO, *ST*, III, q. 1, a. 1) para a terceira parte. Essa é a maneira sugerida pelos tradutores que apresentaram a edição da *Suma* que foi estudada para o presente trabalho.

paixão que fere o amante?; 6) *O amor é causa de tudo o que o amante faz?* Para finalizar a discussão sobre o amor, nessa questão, o teólogo reflete sobre as consequências do ato de amar.

O amor, segundo mestre Tomás, é a principal paixão da parte concupiscível (ST, I-II, q. 25, a. 2). As paixões do concupiscível são aquelas que têm o bem e o mal absolutos como objeto, isto é, que tendem para o bem ou para o mal, proporcionando deleite no primeiro e sofrimento no segundo (ST, I-II, q. 23, a. 1). Já as paixões do irascível são aquelas que se desenvolvem diante de alguma dificuldade encontrada pelo indivíduo em perseguir o que lhe parece algo bom e fugir do que pensa ser algo mau. Assim, as paixões do concupiscível promovem as ações humanas na medida em que não há dificuldades, e as do irascível se desenvolvem quando se encontram dificuldades, quando é necessária uma maior motivação para obter o que se deseja. A educação escolar é algo desejável, pois por ela é possível desenvolver-se em todos os aspectos da vida. Mas a escola brasileira enfrenta uma série de problemas e dificuldades provocados pelas mais variadas razões. Por isso, o sentimento de ser responsável por resolver esses problemas e, assim, poder usufruir o que se quer. O fato de se ter amor (paixão do concupiscível) pela educação deve-se à natureza do processo educativo, um bem em si. A existência de toda sorte de dificuldades que ‘separa’ o homem do que almeja desperta as paixões do irascível – o que se quer é educação de qualidade e, para isso, é preciso agir com coragem, com audácia (paixão do irascível). As paixões do concupiscível são: o amor, o desejo, a alegria, o ódio, a aversão e a tristeza. As paixões do irascível são: a esperança, o desespero, a audácia, o temor e a ira (ST, I-II, q. 26, a. 4).

É necessário ressaltar que, do ponto de vista de Mestre Tomás, as paixões da alma necessitam da moderação do intelecto: “Ora, as paixões não são consideradas doenças ou perturbações da alma senão quando carecem da moderação da razão” (TOMÁS DE AQUINO, ST, I-II, q. 24, a. 2, resp.). Assim, o autor analisa o amor a partir desses conceitos referentes às paixões. Pode-se observar que existe uma relação importante entre os sentimentos representados pelas paixões e o ato de conhecer e de pensar. Nesse sentido, acredita-se que a educação se destaca como processo essencial para se entender a vinculação entre amor e conhecimento na obra de Tomás de Aquino.

Na questão 26, intitulada *O amor*, o teólogo aborda a natureza do amor como paixão da alma. No primeiro artigo, ele analisa se o amor pertence ou não à parte concupiscível iniciando seu argumento discorrendo sobre as diferenças de apetite no homem.

O autor distingue três espécies de apetite, e a diferença entre estas reflete-se na diferença do amor, pois

ambos têm o mesmo objeto: o bem. Desse modo, há o amor natural, que pertence ao apetite natural, mediante o qual a inclinação para o bem ocorre naturalmente, não necessitando de conhecimento e pensamento reflexivo. Há, também, o apetite sensitivo, que, diferentemente do anterior, exige certo grau de conhecimento proveniente dos sentidos corporais (visão, audição, olfato, paladar e tato). Este é instintivo nos animais irracionais e no homem partilha da racionalidade, implicando, portanto, maior complexidade. Por fim, existe o apetite intelectual, também chamado pelo autor de vontade, que decorre da apreensão e reflexão sobre o que é apetecível (TOMÁS DE AQUINO, ST, I-II, q. 26, a. 1, rep.). Para esse pensador, “[...] chama-se amor o princípio do movimento que tende para o fim amado” (TOMÁS DE AQUINO, ST, I-II, q. 26, a. 1, rep.).

Nesse sentido, o amor constitui-se em o princípio da ação em todos os níveis de apetite. Com efeito, para que se alcance o fim, é preciso, primeiramente, que este seja tomado como algo conveniente e realizável, processo encerrado no conceito de amor. Desse modo, entende-se que esse sentimento, para Tomás de Aquino, refere-se à afinidade com relação ao bem que ama, que pode ser, por exemplo, o dinheiro e/ou a geopolítica do local onde se mora.

Essa afeição do ser a algum bem não é naturalmente determinado. Ao contrário, ele aprende a amar as coisas. Ninguém ama qualquer objeto ou o conhecimento desde seu nascimento. Aprende-se que essas coisas são um bem a ser amado e desejado. A partir do momento em que se percebe essas coisas como bens, passa-se a agir no sentido de possuí-las. Nessa perspectiva, o amor está intimamente relacionado com a educação, pois se constitui em uma espécie de propulsor para o ato de conhecimento e amadurecimento.

Pode-se observar esse processo no âmbito do apetite intelectual. De acordo com o que Tomás de Aquino afirmou sobre essa espécie de apetite, o amor das coisas ocorre mediante o exercício do pensamento reflexivo. Por isso, difere do amor natural que é observado no apetite natural, que, espontaneamente, identifica a compatibilidade – chamada de conaturalidade – com o fim. As ações propriamente humanas decorrem do apetite intelectual e, por isso, as escolhas que os homens realizam passam pelo ‘filtro’ da razão. O conhecimento e o pensamento são, pois, dois elementos essenciais para que se possa agir enquanto ser racional. Portanto, já no primeiro artigo, pode-se perceber a relação entre amor e saber, no sentido de que o apetite intelectual deflagra uma espécie de ‘amor inteligente’, ou que pressupõe abstração e apreensão por parte daquele que ama.

Diante dessas reflexões, o teólogo conclui afirmando que o amor está no concupiscível, pois se refere ao

bem absolutamente. Isto significa que o amor é o sentimento que desperta o interesse do indivíduo por qualquer coisa diante da possibilidade de obter o fim desejado.

Nesse ponto, considera-se importante salientar algumas ideias tomasianas sobre o processo de ensino e aprendizagem. Em *Sobre o ensino (De magistro)*² – questões sobre educação extraídas das *Quaestiones disputatae de veritate* –, ao refletir se o homem pode ensinar ou somente Deus, Tomás de Aquino expõe as principais ideias de seu tempo a respeito do processo de aprendizagem. Para uns, de acordo com o autor, aprende-se mediante um ‘agente externo’, como se alguém doasse conhecimento. Essa ideia apoia-se, como afirma o próprio mestre Tomás, nos escritos de Avicena. Outros pensadores afirmam que o conhecimento e os hábitos existem em ato no homem e que um determinado ‘agente natural’ os trazem à tona.

O autor procura desenvolver uma ‘terceira via’, tendo como sustentáculo os ensinamentos de Aristóteles. Em primeiro lugar, destaca-se a ideia matriz pela qual o mestre entende o ensino e a aprendizagem. O homem tem em si as formas naturais em potência, ou seja, a possibilidade de conhecer, em ato, essas formas naturais. As potências essenciais do homem são o intelecto e a vontade, que, unidas, possibilitam a ele aprender e agir de maneira refletida. Desse modo, o homem tem a potência das virtudes e dos hábitos, que podem tornar-se ato mediante as ações cotidianas. Além disso, o homem também possui a potência do conhecimento intelectual a partir da qual pode conhecer verdadeiramente, conhecer em ato³.

Na perspectiva do mestre Tomás, o ser que aprende pode desenvolver conhecimento por si próprio ou por ajuda externa. O primeiro modo chama-se descoberta, e o segundo, ensino (TOMÁS DE AQUINO, *DM*, a. 1, rep.). Pode-se observar que o autor, no século XIII, concebe o aprendiz como alguém ativo no processo de conhecer, não sendo, portanto, um recipiente vazio a ser preenchido.

A descoberta caracteriza-se pelo desenvolvimento intelectual e individual a partir dos primeiros princípios, já

o ensino implica a atuação de um professor que necessita ter, em ato, o conhecimento que pretende ensinar aos alunos. Assim, o homem pode também ser chamado de mestre porque, tendo o conhecimento em ato, pode ensinar aqueles que o têm apenas em potência.

O ensino, afirma o autor, convém mais à ‘vida ativa’, isto é, ao cotidiano dos homens, pois, em última instância, almeja preparar os alunos para agir no mundo em que estão inseridos. E agir retamente, na observância dos valores e pressupostos morais que organizam a sociedade.

Sob esse aspecto, o ensino e a descoberta são processos primordiais para o amor. Se o amor constitui-se no primeiro sentimento que move o homem para a ação, e o ensino e a descoberta servem à vida ativa, pode-se dizer que o homem aprende a amar o que é conveniente. A educação é, portanto, um processo fundamental para o desenvolvimento dos sentimentos humanos, pois pela descoberta e pelo ensino o homem aprende o que é o amor e que bens são mais convenientes amar.

Observa-se, ainda, na obra de mestre Tomás, que ensinar é algo que depende de alguém mais experiente. Entende-se que esse ato é, portanto, uma ação que pressupõe responsabilidades. A ação do teólogo no século XIII, comprometida com os problemas de seu tempo, pode esclarecer a responsabilidade que têm os adultos (pais e professores, principalmente) na educação das crianças. Estas são seres em formação e, portanto, exigem que lhes sejam ensinadas as diretrizes para continuar crescendo até se tornarem pessoas aptas a responder por si mesmas aos problemas cotidianos. Ainda que os pressupostos que sustentavam a sociedade medieval guardem diferenças em relação aos dos que organizam a sociedade contemporânea, a incumbência dos adultos no que tange à educação das próximas gerações continua a ser fundamental. No entendimento do autor, isto é uma das coisas que se pode aprender com o estudo das obras tomasianas.

Na questão 27, intitulada *A causa do amor*, Tomás de Aquino aborda a razão de ser do amor. Assim, no primeiro artigo, apresenta o bem como motivação do amor enquanto objeto próprio da vontade:

Como foi dito acima, o amor pertence à potência apetitiva que é uma força passiva. Por isso, seu objeto se refere a ela como a causa de seu movimento ou ato. É preciso, pois, que aquilo que é objeto do amor seja propriamente a sua causa. Ora, o bem é o objeto próprio do amor, porque, como foi dito, o amor implica certa conaturalidade ou complacência do amante com o amado, e para cada um é bom o que lhe é conatural e proporcionado. Por conseguinte, o bem é a causa do amor (TOMÁS DE AQUINO, *ST*, I-II, q. 27, a. 1, rep.).

² Tradução do prof. Jean Lauand, de 2001. Usa-se neste artigo a segunda edição, de 2004. Essas questões são a publicação das aulas de Tomás de Aquino ministradas em Paris, entre 1256 e 1259. A questão sobre o ensino é a 11ª das 29 *Quaestiones disputatae de veritate*.

³ Ato e potência são dois conceitos que Tomás de Aquino buscou em Aristóteles para explicar, dentre outras coisas, o processo de aprendizagem. Assim, conhecer ‘em ato’ significa conhecer de fato, saber realmente o que foi ensinado. Entretanto, ressalta-se que conhecer em ato, na perspectiva tomasiana, não significa dominar mentalmente uma ideia, uma teoria, mas modificar-se como pessoa: “[...] a experiência, em matéria de ação, não causa apenas ciência, mas também um certo hábito” (TOMÁS DE AQUINO, *ST*, I-II, q. 40, a. 5, sol. 1). Conhecer em ato é, em suma, apropriar-se do saber de modo a transformar-se como ser humano.

Na resposta à questão *O bem é a causa do amor?*, o autor argumenta que o bem⁴ é a razão do amor como objeto, pois, sendo o bem o objetivo da ação humana e o amor, o princípio dessa ação, então o bem causa o amor porque é objeto do agir humano.

Além disso, Tomás de Aquino desenvolve a ideia de que o amor está na potência apetitiva da alma e pertence, portanto, à vontade, que é uma potência passiva, no sentido de que é movida mediante a ação do intelecto. O objeto próprio da vontade na concepção desse pensador é o bem, que é tido como tal a partir do consentimento acerca do que convém ao indivíduo (GILSON, 1995). O consentimento é, conforme o teólogo, o ato de refletir sobre as causas e consequências da ação humana, de modo que funciona como um amálgama entre o intelecto e a vontade. Na questão 15, intitulada *O consentimento, que é ato da vontade, comparado com aquilo que é para o fim*, o autor discorre sobre esse processo e afirma que “[...] consentimento se diz enquanto agrada para agir; eleição, enquanto se prefere às coisas que não agradam” (TOMÁS DE AQUINO, *ST*, I-II, q. 15, a. 3, sol. 3). Assim, acredita-se que o consentimento, na concepção tomasiana, remete ao que hoje se entende como ‘consciência’⁵ quando se relaciona a um conhecimento amplo e crítico sobre a realidade. A busca da consecução do bem depende, como se pode verificar na passagem acima, da adaptabilidade deste com a vontade. Essa adequação, como ficou demonstrada pelo teólogo, é o amor.

Segundo Nicolas (2003), o bem para o mestre Tomás significa o ser em estado de perfeição, e dito de outro modo significa o ser em ato. O bem supremo seria, então, Deus. Assim, o mal, que é o contrário de bem, significa a

privação do ser, ou o afastamento do ser com relação ao que deveria compreender a sua substância⁶.

Nesse sentido, há diferença entre amor bom e amor mau, pois pelo primeiro procura-se o que conduz ao estado de perfeição (plena atualização das potências) e pelo segundo priva-se o ser de realizar suas potencialidades.

Tomás de Aquino demonstra que o que caracteriza o homem são as potências do intelecto e da vontade, isto é, as capacidades de pensar e agir conscientemente. Ainda de acordo com o autor, esses atos podem ser ensinados, já que a pessoa é dotada das potências do intelecto e da vontade.

É preciso, pois, que sejam analisadas as prioridades do tempo histórico em que se vive, tanto para se pensar a ação quanto para planejar a educação das gerações futuras. Isso para que não se privilegiem conhecimentos e comportamentos impertinentes⁷ em detrimento daqueles que são realmente importantes para a sociedade, que remetem à essência e às relações humanas.

Mestre Tomás reflete, mais explicitamente, sobre a relação entre amor e conhecimento no segundo artigo da questão 27:

O bem é causa do amor como objeto, como já foi dito. Ora, o bem não é objeto do apetite senão quando apreendido. Logo, o amor requer uma apreensão do bem que se ama. Por isso, diz o Filósofo, (está com cxa no original?) no livro X da *Ética*, que a visão corporal é o princípio do amor sensitivo. De modo semelhante, a contemplação espiritual da beleza ou da bondade é o princípio do amor espiritual. Desse modo, o conhecimento é causa do amor pela mesma razão pela qual o é o bem, que não pode ser amado se não for conhecido (TOMÁS DE AQUINO, *ST*, I-II, q. 27, a. 2, rep.).

⁴ É importante ressaltar que o termo ‘bem’ no texto de Tomás de Aquino pode designar qualquer coisa que a pessoa possa buscar, seja para suprir suas necessidades, seja para satisfazer um desejo. Entretanto, entende-se que o bem comum seja, na perspectiva tomasiana, o bem por excelência a ser amado pelo homem, considerando que depende disso o desenvolvimento individual e coletivo. Por fim, destaca-se que, assim como o amor pelos bens particulares, o bem comum como causa do amor é, também, aprendido e ensinado, uma vez que, para ser amado, o bem precisa ser conhecido (*ST*, I-II, q. 27, a. 2, rep.).

O bem comum, para Tomás de Aquino, é um conceito bastante importante, pois é um dos pilares de seu pensamento social. No livro *Do reino ou do governo dos príncipes ao rei de Chipre* (1997), o teólogo afirma que um governo reto e justo é pautado pelo bem comum da sociedade, não pelo bem particular do governante. Entende-se que o bem comum é o conjunto de princípios, valores e ações que estabelecem o bem viver em sociedade. Um de seus sustentáculos é a liberdade, conforme o autor. Nesse mesmo texto, ele afirma que “[...] a multidão dos livres é ordenada pelo governante ao bem-comum da multidão, o regime será reto e justo, como aos livres convém” (1997, p. 128). Considera-se essa passagem importante, pois evidencia o compromisso de Tomás de Aquino com a justiça e com a liberdade. Evidentemente, percebe-se que as ideias de justiça e de liberdade pensadas pelo autor não são iguais às dos homens do século XXI, mas ensinam a zelar pelos princípios fundantes da organização social.

⁵ O termo latino empregado por Tomás de Aquino, traduzido como ‘consentimento’, foi *consensus*. Essa palavra, de acordo com o *Dicionário escolar latino-português* (1962), deriva do verbo *consentio*, que significa

‘ser da mesma opinião, estar de acordo, decidir unanimemente’, ‘entender-se, conformar-se com’ ou mesmo ‘estar em relação, conjurar, tramar’. Conforme a definição dada pelo teólogo dominicano explicitada acima, acredita-se que a analogia entre o ‘consentimento’ tomasiano e a ‘consciência’ contemporânea se constitui em uma explicação possível do conceito em questão.

⁶ Vale ressaltar que o termo ‘bem’ é empregado por Tomás de Aquino numa perspectiva filosófica e não significa, necessariamente, algo bondoso, nem o mal designa uma realidade deletéria. O bem, nesse debate, está relacionado à realização das potências do ser – um veneno, por exemplo, é um bem, se seus efeitos potenciais se realizam.

⁷ Concorde-se com Aristóteles, que afirma, na *Política* (s.d.), que o convívio social exige dos indivíduos certos conhecimentos e atitudes que contribuam, efetivamente, para a coesão e para o desenvolvimento social. Pode-se citar como exemplo a obediência às leis. Atualmente, é fundamental que se cumpram as leis estabelecidas, visto que se torna importante para o desenvolvimento social a obediência às leis por parte de todos os cidadãos. É nesse sentido que se entende o debate sobre a necessidade de proporcionar às crianças uma educação para o exercício da cidadania. Por isso, quando se fala de ‘comportamentos impertinentes’, está se referindo a ações que não têm como princípio o bem comum – não a um comportamento específico ou outro.

Para que se possa verificar a importância da obediência como virtude na perspectiva de Tomás de Aquino, pode-se tomar o artigo de Oliveira (2011), intitulado *A obediência como virtude social em Tomás de Aquino*, publicado no 27º volume da revista *Notandum*.

Na resposta à questão, o teólogo afirma que, sendo o bem a causa do amor, é preciso que o ser tenha conhecimento do bem que ama. Nesse sentido, o saber é causa do amor porque identifica e apresenta o bem à vontade. Desse ponto de vista, é importante salientar que Tomás de Aquino verticaliza o debate e nomina uma espécie de bem que, segundo ele, vale a pena procurar – a beleza e a virtude. Considera-se relevante esse posicionamento porque ele dá lições importantes acerca dos homens, da sociedade e da educação.

Entende-se que a contemplação espiritual da beleza ou da bondade signifique, no texto de Tomás de Aquino, a reflexão sobre o belo e sobre a virtude, reflexão esta que o professor pode desenvolver com o aluno na escola. Considera-se fundamental a atuação do professor nessa atividade de pensar sobre o belo e sobre a virtude, pois, sendo a contemplação o ‘princípio do amor espiritual’, possibilita aos alunos um espaço em que podem amadurecer o amor pelo conhecimento, pela sabedoria, pela justiça. Isso estimula o educando a buscar o saber, porque passa a sentir satisfação e a enxergar sentido no processo de aprendizagem:

[...] portanto, deve-se dizer que quem busca a ciência não a desconhece totalmente, mas de certo modo já tem dela algum conhecimento, quer de modo geral ou por algum de seus efeitos, ou por ouvir alguém que a enaltece, como diz Agostinho. Daí que possuí-la não é conhecê-la desse modo, mas sim de modo perfeito (TOMÁS DE AQUINO, *ST*, I-II, q. 27, a. 2, sol. 1).

Como se pode observar na passagem acima, o progresso das ciências também está relacionado com o amor, pois quem ama a ciência tende a buscá-la para possuí-la de modo ‘perfeito’⁸. Acredita-se que isto não diga respeito apenas às disciplinas científicas, mas também a outros saberes igualmente importantes, como aqueles que possibilitam ao homem integrar-se à sociedade e ser aceito por determinado grupo social – saber como dirigir-se ao outro sem ofendê-lo, saber como portar-se à mesa etc. Portanto, o conhecimento sobre esses saberes (reflexão que conscientiza) é, de acordo com Tomás de Aquino, essencial para o crescimento do homem e da socie-

dade, visto que é o princípio para possuí-la de maneira efetiva.

Além disso, pode-se perceber que, conforme o autor, o indivíduo possa buscar a ciência, o conhecimento, também por influência de quem a exalta. Sendo assim, entende-se que o professor tenha uma atuação fundamental no desenvolvimento, no aluno, do amor pela sabedoria.

Para prosseguir no debate, no primeiro artigo da questão 28 Tomás de Aquino analisa se a união entre aquele que ama e aquele que é amado é efeito do amor. O autor diferencia duas espécies de união: a real e a que ocorre pelo afeto. A primeira diz respeito à união presencial entre amante e amado, no sentido de que o amante tem ao seu lado o amado. A segunda refere-se à união formal, isto é, a relação afetiva, abstrata. Esta última, conforme esclarece o teólogo, é realizada mediante o conhecimento daquele que ama a respeito de seu objeto de amor. No caso de amor de concupiscência, por exemplo, o mercador do século XIII deseja e ama o lucro obtido por meio da venda de seus produtos – por isso ama também seus clientes – e une-se a ele pelo afeto antes de obtê-lo. Depois que realiza seus negócios, une-se a ele realmente. Em relação ao amor de amizade, um amigo ama o outro por suas peculiaridades e, mesmo distante, une-se a ele pelo afeto. Quando estão juntos, ama-o presencialmente (TOMÁS DE AQUINO, *ST*, I-II, q. 28, a. 1).

Sabe-se que essa diferença entre a união que ocorre realmente e aquela que acontece pelo afeto é fundamental. À primeira vista, parece que unir-se pelo afeto é o bastante e que a união real é apenas uma consequência que pode ou não efetivar-se, não fazendo diferença para o ser unir-se ao objeto amado de modo real. Quando se trata do processo educativo, entretanto, ter afeto pelo saber é importante, mas não suficiente. Compreende-se que, na perspectiva de Tomás de Aquino, o conhecimento só provocará mudanças naquele que conhece, no aprendiz, se houver união real; se de fato o educando apropriar-se dele. O saber se torna, assim, parte do educando, modificando-o – para o bem ou para o mal.

A questão da união real com o conhecimento pode ser mais bem entendida se recorrer-se a um exemplo. Salman Khan, autor do livro *Um mundo, uma escola*, no qual discorre sobre os pressupostos que norteiam a instituição educacional que criou, a *Khan Academy*, afirma que um dos princípios importantes para a educação contemporânea é a aprendizagem para o domínio (*mastery learning*)⁹. Esta, segundo ele, consiste na ideia de que, para progredir nos estudos, é preciso ter um conhecimento adequado dos conceitos mais simples para só então passar à análise de conceitos mais complexos (KHAN, 2013). Assim, um aluno de matemática só poderá aprender expressões algébricas se entender bem

⁸ A palavra latina utilizada por Tomás de Aquino para designar o ato de possuir a ciência, e não apenas conhecê-la distancemente, é *perfecte*. Na tradução da *Suma*, a palavra empregada para traduzir o termo latino foi ‘perfeito’. Na língua portuguesa, a palavra ‘perfeito’ é um adjetivo que pode significar ‘sem defeitos’. Contudo, acredita-se que esse não seja o sentido do termo *perfecte* no texto do teólogo. Considera-se que o significado a ser dado à palavra *perfecte* é que se aproxima mais das ideias tomasianas seja ‘bem feito’. Portanto, ‘possuir’ a ciência de modo *perfecte* não é conhecê-la sem defeito ou deficiência, é conhecê-la mais profundamente, estudá-la com afinco.

⁹ Salman Khan recorreu a esse conceito, mas não é seu criador. A aprendizagem para o domínio, segundo o autor, remete ao programa educacional promovido por Carleton W. Washburne, na década de 1920, em Chicago, nos EUA, chamado Plano Winnetka (KHAN, 2013).

as operações básicas e os conceitos matemáticos mais fundamentais, isto é, somente se unir-se realmente com o saber precedente. Caso não consiga apreender o mais simples, dificilmente conseguirá atingir o mais complexo.

Além disso, a compreensão que o amante tem do amado é determinada, também, pela espécie de amor que existe entre eles. Desse modo, quando há amor de concupiscência, há o entendimento de que o amado é conveniente para o bem do amante e, por isso, este o deseja e quer possuí-lo, como quando alguém ama o dinheiro. Diferentemente, quando há amor de amizade, o amante entende que convém preservar o bem do amado e procura unir-se a ele devido a esse conhecimento.

A diferença entre amor de concupiscência e amor de amizade é importante para que se compreenda o contexto em que Tomás de Aquino escreveu e ensinou. O século XIII foi marcado pelo desenvolvimento das cidades, que adquiriram grande importância para a civilização do Ocidente medieval. As cidades constituíram-se em um espaço de maior liberdade para os homens devido às transformações econômicas e sociais provocadas principalmente pelo renascimento comercial, que trazia o dinheiro, os mercadores e as corporações de ofício para o centro dos interesses citadinos (OLIVEIRA, 2008)¹⁰. Nesse sentido, entende-se que mestre Tomás discorre sobre o amor e sobre as paixões porque tem consciência da necessidade de educar os homens para que saibam bem ordenar sua natureza racional e passional nesse novo ambiente, mais corruptível e, portanto, mais perigoso.

Podem-se observar, diante dessas questões, que o teólogo atribui ao intelecto a qualidade de faculdade responsável pela boa disposição do amor no homem. Com efeito, é pelo intelecto que o homem pode definir o que convém e o que não convém a si como indivíduo e como membro de uma sociedade. A partir dessa reflexão necessária, o homem pode, então, unir-se ao que julgou ser mais importante para seu desenvolvimento individual e para o das relações sociais.

Nessa perspectiva, ao tratar da importância da potência intelectual, Tomás de Aquino aponta para a necessidade de desenvolvê-la, já que não é naturalmente inclinada ao ato. Assim, torna-se importante a educação

e a reflexão sobre os atos humanos como princípio formativo do indivíduo.

No sexto e último artigo da questão 28, intitulado *O amor é causa de tudo o que o amante faz?*, o teólogo investiga se o amor constitui-se, ou não, na principal motivação do homem: “Quem age o faz por algum fim, como acima foi dito. Ora, o fim é para cada um o bem desejado e amado. Logo, é evidente que todo agente, quem quer que seja, age por amor” (TOMÁS DE AQUINO, *ST*, I-II, q. 28, a. 6, rep.).

A resposta de Tomás de Aquino é clara e objetiva. Ele afirma, na questão 26 (*ST*, I-II, q. 26, a. 1, sol. 2), em que analisa a natureza amor, que essa paixão é a que ocorre em primeiro lugar no espírito humano, sendo, desse modo, como que a causa primeira de todas as outras paixões. E reafirma sua posição na questão 28:

Quanto ao 2º, deve-se dizer que, como foi dito acima, o desejo, a tristeza, o prazer e, por consequência, todas as outras paixões são causadas pelo amor. Logo, toda ação, procedente de qualquer paixão, procede também do amor como da causa primeira. Portanto, não são supérfluas as outras paixões, que são as causas próximas (TOMÁS DE AQUINO, *ST*, I-II, q. 28, q. 6, sol. 2).

Segundo o mestre, o amor é a causa primeira dos sentimentos humanos e também a principal motivação para o agir do homem, uma vez que as paixões o movem para a consecução dos fins que lhe parecem convenientes e, portanto, amados. Por isso, todo agir do homem, para o autor, tem como causa o amor precedido, ou não, pelo juízo da razão.

A leitura e a reflexão sobre a questão 28 levam a considerar a relevância de pensar as consequências dos atos humanos. Com efeito, é essa paixão que torna o homem suscetível ao amadurecimento do intelecto, principal faculdade do espírito humano. É o sentimento que provoca no homem o desejo de conhecer o mundo e relacionar-se convenientemente com os outros. Em consonância com as outras paixões da alma e com a inteligência, o amor move o homem a aperfeiçoar-se como ser social e político. Porém, pode constituir-se em uma fonte de prejuízos, como paixão, e por isso deve ser precedida pelo pensamento reflexivo, pelo qual se pode julgar o que é conveniente para agir.

Nesse sentido, considera-se que se faz necessário abordar essas questões sobre o amor para se refletir sobre o processo de formação humana que se efetua no ato cotidiano de pensar e escolher. Não sendo algo que naturalmente se desenvolve de modo conveniente no homem, o amor, suas causas e consequências, devem fazer parte da reflexão constante do agir, que deve ser considerado, como já se disse, no contexto da sociedade

¹⁰ Oliveira (2008), em *O ambiente citadino e universitário do século XIII: lócus de conflitos e de novos saberes*, esclarece que a organização da cidade no século XIII trouxe um elemento novo com o qual os homens deveriam lidar: a unidade na diversidade. Outro autor que trata da Idade Média é Jacques Le Goff (2008), que, ao tratar do surgimento dos frades mendicantes, destaca o papel desses novos religiosos nas cidades. De acordo com o autor, os mendicantes assumiram a responsabilidade de tornar a cidade ‘mais cristã’, pois nela os homens pareciam estar mais próximos do pecado por causa das transformações sociais que estavam ocorrendo. Desse modo, entende-se que as formulações de Tomás de Aquino sobre as paixões da alma estão relacionadas ao comprometimento desse pensador com a formação do homem citadino.

em que acontece. Em consonância com Tomás de Aquino, as ações devem ser norteadas pelos juízos da reta razão e pelo princípio fundamental do bem comum.

Assim como o ódio, o desejo, a aversão, a alegria, a tristeza, a esperança, o desespero, a audácia, o temor e a ira, o amor constitui-se em princípio do agir humano. De acordo com o teólogo, todos os atos que o homem realiza são movidos primeiro pelo amor. Assim, o indivíduo pode dedicar-se aos mais diversos objetos, desejá-los e buscá-los a fim de chegar à felicidade.

O fim último do homem para o mestre Tomás é a bem-aventurança. Esta representa, para esse pensador, o estado de perfeição do ser. Dessa forma, a bem-aventurança absoluta só seria alcançada com a contemplação de Deus na vida eterna. Contudo, o homem pode provar desta em sua vida na terra por meio da atividade intelectual e pela ação consciente que conduz à virtude (LACOSTE, 2004). Assim, as ações humanas devem visar sempre à bem-aventurança, pela qual o homem se sentiria feliz e realizado. O caminho para a consecução da felicidade passa pelos atos particulares praticados diariamente. As ações podem ser especificamente humanas ou comuns entre os diversos animais. E as primeiras, somente os homens podem realizar, mas as segundas, tanto eles como outros animais podem desenvolver. Logo, as paixões estão situadas na segunda categoria.

Como as paixões são atos que tanto homens quanto outros animais podem realizar, o que difere os primeiros dos segundos? De acordo com Tomás de Aquino, os animais são movidos por uma espécie de amor instintivo, e os homens, pelo amor intelectual, que supõe o exercício do intelecto e da vontade. Os animais não precisam refletir, julgar e escolher para realizar o desejo do apetite sensitivo, já o homem deve submeter as paixões ao juízo da razão para que alcance o que, pelo apetite intelectual, considerou importante para si.

Por isso, não basta que o homem desenvolva a razão para que seja uma pessoa justa, no sentido de procurar alcançar o que quer com liberdade, sem prejudicar o outro, é preciso que, intelectualmente, ele ame o bem comum como princípio agente de todos os seus atos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pode deixar de pontuar que Tomás de Aquino analisa o amor, a ação dos homens e sua qualificação moral segundo os preceitos do cristianismo e de Aristóteles. Essa natureza escolástica, na qual estão fundadas em uma única essência fé e razão, é que dá subsídios para acreditar que suas reflexões podem ensinar sobre a natureza humana e sobre a possibilidade de formar cidadãos que ajam de maneira consciente em defesa do bem comum, sem abandonar suas aspirações pessoais. A bem-

aventurança, para o autor, está diretamente relacionada à vida conforme os preceitos cristãos e também à vida na terra, na medida em que é somente pelas ações terrenas que se chega à vida eterna. Aquele que não conseguisse frear suas paixões traria, por conseguinte, prejuízos para si e para os seus concidadãos. O homem do século XXI, assim como o do século XIII, continua a agir por amor, por ódio ou pela ira, mas o objetivo final de suas ações é diferente daquele estabelecido pelo teólogo para os seus contemporâneos – por isso o princípio do bem comum ainda é fundamental para a organização da sociedade, mesmo que por questões diversas. Agir de modo egoísta e precipitado era na época de mestre Tomás, assim como é hoje, bastante comum, embora considerado inadequado. Isso acontece porque, de acordo com ele, as paixões fazem parte da essência do homem: todos os homens amam e odeiam, independentemente do tempo em que viveram ou vivem.

Por isso, a educação, entendida como processo de formação integral do homem, insere-se como um meio essencial para que se desenvolva a razão dos indivíduos. Pode-se ensiná-los que os interesses da coletividade são fulcrais para o desenvolvimento das relações sociais, visto que o ser humano, na perspectiva tomasiana, não nasce pronto e acabado. Ele necessita da intervenção de outra pessoa mais experiente para instruí-lo em todos os sentidos, conduzindo-o da potencialidade do conhecimento para a ação prática do saber. Nesse processo, estão incluídos valores éticos, morais, sociais e, essencialmente, saberes escolares.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Política*. Trad. Nestor Silveira Chaves. 15. ed. São Paulo: Editora Escala, [s./d.].
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- DE BONI, Luis Alberto. *De Abelardo a Lutero: estudos sobre filosofia prática na Idade Média*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- FARIA, Ernesto (Org.). *Dicionário escolar latino-português*. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1962.
- GILSON, Étienne. *A filosofia na Idade Média*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- KHAN, Salman. *Um mundo, uma escola*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.
- LACOSTE, Jean-Yves. Beatitude. In: _____. (Dir.). *Dicionário crítico de teologia*. Trad. Paulo Meneses et al. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004. p. 263-269.
- LE GOFF, Jacques. *Mercadores e banqueiros na Idade Média*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LE GOFF, Jacques. As ordens mendicantes. In: _____. *Uma longa Idade Média*. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- NICOLAS, Marie-Joseph. introdução à Suma Teológica. In: TOMÁS DE AQUINO. *Suma teológica*. Trad. Pe. Gabriel C. Galache, SJ e Pe. Fidel García Rodríguez, SJ (Dir.). São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 21-68. v. I.
- NUNES, Ruy Afonso da Costa. Capítulo IX A escolástica. In: _____. *História da educação na Idade Média*. São Paulo: Edusp, 1979. p. 243-286.

- OLIVEIRA, Terezinha. **Escolástica**. São Paulo: Mandruvá, 2005.
- OLIVEIRA, Terezinha. O ambiente citadino e universitário do século XIII: um *locus* de conflitos e novos saberes. In: _____. (Org.). **Antiguidade e medievo**: olhares histórico-filosóficos da educação. Maringá: Eduem, 2008.
- OLIVEIRA, Terezinha. A obediência como virtude social em Tomás de Aquino. **Notandum (USP)**, v. 27, p. 81-103, 2011.
- TOMÁS DE AQUINO. Do reino ou do governo dos príncipes, ao rei de Chipre. In: _____. **Escritos políticos**. Trad. Francisco Benjamin de Souza Neto. Petrópolis: Vozes, 1997.
- TOMÁS DE AQUINO. **Suma teológica**. Trad. Pe. Gabriel C. Galache, SJ e Pe. Fidel García Rodríguez, SJ (Dir.). São Paulo: Edições Loyola, 2003. (v. III).
- TOMÁS DE AQUINO. **Sobre o ensino (De Magistro), os sete pecados capitais**. Trad. Jean Luiz Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- VERGER, Jacques. **As universidades na Idade Média**. Trad. Fúlvio M. L. Moretto. São Paulo: Unesp, 1990.
- VERGER, Jacques. Universidade. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J.-C (Orgs.). **Dicionário temático do Ocidente Medieval**. Trad. Lênia Márcia Mongelli. Bauru: Edusc, 2006. p. 573-588.

Submetido em: 10/03/2015

Aprovado em: 04/09/2015